

Globalização e economia política no romance português contemporâneo

Globalization and political economy in contemporary portuguese novel

José Luís Giovanoni Fornos¹

Resumo: O presente ensaio examina o tema da globalização, tomando como referência o romance *O verão de 2012*, do escritor português Paulo Varela Gomes. O texto é apresentado em dois momentos. O primeiro aborda, teoricamente, a temática da globalização e os seus efeitos, utilizando-se de importantes intelectuais como, por exemplo, Fredric Jameson, Pierre Bourdieu, Octavio Ianni, entre outros. No segundo momento, investiga o romance de Paulo Varela Gomes, extraindo passagens em que o autor, através de um narrador acometido pela doença, discorre sobre a crise econômica em Portugal e os efeitos das políticas neoliberais postas em execução pelo Estado. Igualmente, aponta para as consequências causadas pela globalização em território português.

Palavras-chave: Globalização. Crise econômica. Romance português contemporâneo.

Abstract: This essay explores the theme of globalization, based on the novel *O verão de 2012* (The summer of 2012), by the Portuguese writer Paulo Varela Gomes. The text is developed in two moments. First, the theme of globalization and its effects are discussed theoretically drawing on important intellectuals such as Fredric Jameson, Pierre Bourdieu, Octavio Ianni, among others. Then, the novel by Paulo Varela Gomes is examined by extracting passages in which the author, through a narrator affected by the disease, discusses the economic crisis in Portugal and the effects of neoliberal policies put into execution by the State. The consequences of globalization on Portuguese territory are also looked at.

Keywords: Globalization. Economic crisis. Contemporary portuguese novel.

Introdução

O presente ensaio examina o romance *O verão de 2012*, publicado em 2013, pelo escritor português Paulo Varela Gomes², levando em consideração aspectos relacionados à globalização e os seus efeitos no espaço nacional português. Trata-se de um tema recorrente em textos de ficção publicados em Portugal nos anos 2000³. Em virtude da crise econômica portuguesa, o assunto tornou-se recorrente nos romances da atualidade.

A globalização, compreendida como processo econômico e cultural, exerce forte pressão sobre os símbolos e as instituições que identificam a ideia de nação, bem como altera as condições políticas e materiais dos sujeitos e do Estado. Um dos enfoques do presente texto é o exame em torno de uma economia globalizada e o decorrente abalo econômico que afetou Portugal em recentes anos. Para tanto, um percurso teórico será realizado a respeito de tal questão. Após, passagens do romance serão apresentadas

¹ Doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande (UFRGS), RS, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4257-4892>. E-mail: jlgf@vetorial.net

² Paulo Varela Gomes nasceu em Lisboa em 28 de outubro de 1952, falecendo de câncer em 30 de abril de 2016. Crítico, escritor, historiador de arquitetura e professor universitário, publicou, entre outros livros, as seguintes narrativas de ficção: *Hotel* (2014); *Era uma vez em Goa* (2015); *Passos perdidos* (2016); *A guerra de Samuel e outros contos* (2017).

³ Entre os romances publicados, destacam-se *Desamparo* (2015), de Inês Pedrosa; *Anatomia dos mártires* (2011), de João Tordo; *A última canção da noite* (2012), de Francisco Camacho; *Não deixem falar as pedras*, David Machado; *O osso da borboleta* (2014), de Rui Cardoso Martins; *As primeiras coisas* (2013), de Bruno Vieira do Amaral, entre outros. O desemprego, resultado da crise econômica, é um dos tópicos presentes em tais textos, ainda que nestes o principal tema abordado não seja tal assunto.



a fim de ilustrar as preocupações da personagem central em relação ao contexto econômico e social.

O ensaio está dividido em dois momentos. O primeiro expõe as características da chamada globalização, com ênfase no caráter econômico, expressando um novo ciclo de expansão do capitalismo⁴. Tal questão adquire amplas proporções que envolvem nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, atuando sobre grupos e classes sociais. No dizer de Octavio Ianni (2001), a sociedade global assinala uma totalidade abrangente, complexa e contraditória.

O segundo momento apresenta ao leitor trechos do romance *O verão de 2012*, focalizando as passagens em que a obra, através de sua principal personagem, faz um diagnóstico do atual momento político. Na avaliação, as palavras da personagem estão carregadas de um tom alarmista e irônico. Nessa perspectiva da personagem, o “ano de 2012, até aquele Verão, a catástrofe pareceu levar a melhor sobre o optimismo, escreveu P. com ironia, mas também com alarme, ou melhor, com um alarme que a ironia não conseguiu desactivar” (GOMES, 2013, p. 20).

Dessa forma, ainda que a personagem ilustre com precisão analítica os problemas que atingem o planeta, as suas considerações soam ambíguas. Todavia, é notória a situação em que se encontram as sociedades, marcadas, entre outros aspectos, pela violência, pela superprodução e consumo, pelo desemprego e pela devastação ambiental. Assim, as proposições a seguir apresentam aspectos que marcam a chamada globalização capitalista que acaba por condicionar as ações dos Estados nacionais, afetando a vida de seus sujeitos.

A chamada globalização, com sua vertiginosa expansão em escala mundial, assinalada pelos mecanismos tecnológicos de produção, distribuição e consumo, ao mesmo tempo em que condiciona ações, de outro modo, fomenta novos agenciamentos coletivos que, coagidos pelo reordenamento econômico, transformam-se em figuras singulares da paisagem social. A globalização, paradoxalmente, acaba por

desencadear “novos” sujeitos em defesa de suas especificidades, somando-se à formação de hibridismos culturais que, por seu turno, reforçam sentimentos de pertença local, regional e nacional. Se a globalização mutila ou destrói formas culturais, homogeneizando práticas e recepções em vários lugares, também produz heterogeneidades, diversidades e diferenças.

A padronização crescente do “econômico-cultural” em nível mundial revela-se um movimento contraditório, pois aguça tensões, produzindo reações ao mal-estar alçado pela rápida liquidez que atinge sujeitos e objetos. Resultado de um novo surto de universalização do capitalismo como modo de produção e de processo civilizatório, a globalização soa com integração e homogeneização, da mesma forma que com diferenciação e fragmentação. Para Octavio Ianni (2001),

a sociedade global está tecida por relações, processos e estruturas de dominação e apropriação, integração e antagonismo, soberania e hegemonia. Trata-se de uma configuração histórica problemática, atravessada pelo desenvolvimento desigual, combinado, contraditório (IANNI, 2001, p. 30).

Enquanto a atenção às diferenças culturais e o multiculturalismo ocupam importante papel, paralelamente a figura do “capital” consolida-se como força-motriz dominante, entranhando-se e deslocando-se irregular, material e culturalmente em múltiplas extensões espaciais, validando a avaliação de Marx e Engels, no *Manifesto Comunista*:

Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se em toda a parte, explorar em toda parte, criar vínculos em toda parte. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países (ENGELS; MARX, 1998, p. 43).

⁴ De acordo com Z. Bauman, “a globalização nada mais é que a extensão totalitária de sua lógica a todos os aspectos da vida. Os Estados não têm recursos suficientes nem liberdade de manobra para suportar a pressão – pela simples razão de que alguns minutos bastam para que empresas e até Estados entrem em colapso” (BAUMAN, 1999, p. 73).

Ainda que mencione cinco níveis distintos – o tecnológico, o político, o cultural, o econômico e o social – do fenômeno da globalização, Fredric Jameson (2001) alerta para a sua dimensão econômica, que parece sempre expandir-se para os demais. A dimensão econômica controla as novas tecnologias, e reforça os interesses geopolíticos dissolvendo o cultural no econômico e o econômico no cultural. Dessa forma, a produção de mercadorias é “agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato”, (JAMESON, 2001, p. 22) surgindo, assim, toda uma indústria para planejamento da imagem das mercadorias e das estratégias de venda. Para Jameson, a “propaganda torna-se uma mediação fundamental entre cultura e economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética” (JAMESON, 2001, p. 22).

Pierre Bourdieu (1998) identifica a globalização como um mito poderoso, intencionalmente composto para combater conquistas sociais históricas dos trabalhadores. A globalização “ratifica e glorifica o reino que se chama mercados financeiros”, estimulando a volta a uma “espécie de capitalismo radical sem freio, cuja única lei é a do lucro máximo” (BOURDIEU, 1998, p. 50). Tal modelo é “levado ao limite de sua eficiência econômica pela introdução de formas modernas de dominação, como técnicas de manipulação, como a pesquisa de mercado, o marketing, a publicidade comercial” (BOURDIEU, 1998, p. 50). Para o sociólogo francês, a “autonomia dos universos de produção cultural em relação ao mercado, que não havia cessado de crescer graças às lutas e os sacrifícios dos escritores, artistas e intelectuais, está cada vez mais ameaçada” (BOURDIEU, 1998: 52). No contexto histórico atual:

o reino do ‘comércio’ e do ‘comercial’ se impõe cada dia mais à literatura, notadamente por meio da concentração dos canais de comunicação, cada vez mais diretamente submetidos às exigências do lucro imediato; a crítica literária e artística, entregue aos acólitos mais oportunistas dos editores – ou de seus cúmplices,

com as trocas de favores -, e principalmente ao cinema; sem falar das ciências sociais, condenadas a submeter-se às encomendas diretamente interessadas das burocracias de empresas ou de Estado, ou a morrer pela censura dos poderes ou do dinheiro (BOURDIEU, 1998, p. 52-53).

A sociedade de mercado atrofia as excentricidades e idiosincrasias do discurso crítico, fazendo-o recuar em sua força. Enquanto isso, a realidade, revivida em fragmentos de imagens, estampa enormes contingentes humanos anônimos à procura de referenciais que lhes permitam reconhecimento, segurança e estabilidade. Envolvidos por um sistema que se organiza na dissolução ininterrupta de formas e conteúdos, homens e mulheres ainda sonham com condições mínimas de existência que lhes garanta a inclusão social.

A inclusão esbarra com o tempo presente cuja característica está no não fornecimento de lugares para a reacomodação social. De acordo com Zygmunt Bauman, “os lugares que podem ser postulados e perseguidos mostram-se frágeis e frequentemente desaparecem antes que o trabalho de reacomodação seja completado” (BAUMAN, 2001, p. 42). Segundo o sociólogo polonês, o que existe são “cadeiras musicais” de diversos tamanhos e estilos, em números e posições cambiantes, que fazem com que as pessoas estejam em movimento permanente, não prometendo nem a realização, nem o descanso.

Ações emblemáticas no seio da intelectualidade e do movimento social refletem sobre tal dinâmica. Na década de 1990, o sociólogo Pierre Bourdieu dirige-se às ruas de Paris, conclamando a população a rebelar-se contra a reforma das leis trabalhistas proposta pelo governo francês. Em diferentes países, há protestos contra o modelo societário vigente. A complexidade histórica, característica de todo modelo societário humano, parece naufragar frente aos acontecimentos que dominam o planeta, justificando, em muitos momentos, as palavras do *Manifesto Comunista*:

A burguesia não pode existir sem revolucionar incessantemente os instrumentos de produção,

por conseguinte, as relações de produção, e com isso, todas as relações. Essa subversão contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas, com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se consolidarem. Tudo o que era sólido e estável se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações com outros homens (ENGELS; MARX, 1998, p. 43).

A ênfase “positiva” dada por Marx e Engels às transformações do capitalismo que servem de suporte prévio para a formação e a constituição do modo comunista de produção, encontra-se comprometida. Embora as avaliações estejam corretas, elas não impediram a configuração de um dinamismo histórico e social diferente do preconizado. Com a implosão do proletariado como classe universal revolucionária, parte das teses de Marx fragiliza-se; indeterminando “epistemicamente”, para muitos teóricos, as características do sujeito histórico revolucionário.

Ainda que a luta de classes tenha validade para se compreender as relações sociais, o sujeito universal é submetido a outras determinações que vão da escolha sexual, raça, gênero, religião, etnia, idade, família à importância do território nacional e local na formação da identidade. O sujeito histórico é repensado à luz da multiplicidade cultural e social, traduzida na vivência de hábitos e ideias e na mobilidade das relações espaço-temporais. Agrega-se ao pluralismo, a presença-ausência do passado na constituição da imaginação histórica, vestígio que Marx, embora consciente⁵, reprime à medida que deseja a transformação de um modo de produção em

outro. Atento à dinâmica da história e com os olhos voltados para revolução, Marx recalca a questão da herança e da memória culturais na formação de cada indivíduo e sociedade. Em *O 18 Brumário* e *Cartas a Kugelmann* defende a ruptura com o passado em nome da revolução, utilizando-se de metáforas que apontam para essa mudança:

Assim, Lutero adotou a máscara do apóstolo Paulo, a Revolução de 1789-1814 vestiu-se alternadamente como república romana e como império romano, e a Revolução de 1848 não soube fazer nada melhor do que parodiar ora 1789, ora a tradição revolucionária de 1793-1795. De maneira idêntica, o principiante que aprende um novo idioma, traduz sempre as palavras deste idioma para sua língua natal; mas só quando puder manejá-lo sem apelar para o passado e esquecer sua própria língua no emprego da nova, terá assimilado o espírito desta última e poderá produzir livremente nela (MARX, 1997, p. 21-22).

A luta política pela valorização das diferenças deve fazer parte de qualquer projeto artístico, contrabalancando as ameaças de opressão ligadas à própria ideia de uma história universal, realizada a partir da hegemonia de uma sociedade particular ou a um pequeno grupo de sociedades dominantes. O combate à discriminação cultural e a sua emancipação é correlativo à busca de um novo ordenamento socioeconômico.

As chamadas micropolíticas⁶ que problematizam as ações hegemônicas do poder possuem um papel significativo na transformação das relações sociais, devendo estar conscientes de que a garantia de uma identidade, constitui-se, em última instância, na luta pela reorganização geral do sistema. Contrária ao que chama de “fenômeno de fetichização das diferenças”, a psicanalista Elizabeth Roudinesco projeta dialética e positivamente a questão:

⁵ Marx escreve em *O 18 do Brumário*: “os homens fazem a sua própria história, mas nas circunstâncias encontradas, dadas, transmitidas” (1997, p. 4).

⁶ De acordo com Felix Guattari, uma “micropolítica do desejo não mais se proporia a representar as massas e a interpretar suas lutas.” Ela investiria, ao contrário, “numa multiplicidade de objetivos ao alcance imediato dos mais diversos conjuntos sociais”, implicando “um questionamento radical dos movimentos de massa decididos centralizadamente e que fazem funcionar indivíduos serializados” (1981, p. 176-177).

É tão errôneo valorizar o universalismo em nome da recusa da diferença quanto rejeitar o universalismo em nome da valorização arbitrária de uma única diferença: a anatomia, por exemplo, mas também o gênero, a cor da pele, a idade, a identidade, etc. A referência a princípios abstratos (conceitos, a lei, o simbólico, as estruturas, os invariantes, etc.) é tão necessária à humanidade inteira quanto a consideração da realidade concreta das vidas concretas: a sexualidade, a vida privada, a situação social, a miséria econômica, a doença, a solidão, a loucura, o sofrimento psíquico, etc. (ROUDINESCO, 2000, p. 146).

As manifestações a favor da diferença transformam-se em um campo privilegiado de ações. Para alguns, trata-se de um discurso cuja agressividade é passível de controle. Incorporado com facilidade, funciona como tema subversivo sem pôr em risco o modo de produção vigente. Nesse caso, a celebração da diferença e da diferenciação funciona como conteúdo cultural dos meios de comunicação de massa hegemônicos que projetam todas as culturas do mundo em um contato simpático umas com as outras em uma espécie de imenso pluralismo de que é muito difícil não gostar. Ao alçar a valorização das diferenças como única razão para emancipação dos sujeitos, arrefece-se o questionamento da estrutura social em sua totalidade, secundarizando situações como a produção do desemprego, expressão da exclusão no modelo econômico atual. A passagem do desemprego enquanto tema social essencial para uma questão exclusivamente individual, fruto da fatalidade econômica, escamoteia o próprio funcionamento do modelo em vigência, afastando a possibilidade de entendê-lo em sua essência.

Reflexo da reorganização do modelo produtivo, os sujeitos sem-trabalho referendam, por linhas tortas e negativas, a posição de Marx, ao anunciar

que, sem as mazelas da divisão do trabalho, os homens superariam a *praxis* reificada e ocupariam tarefas múltiplas conforme o interesse e o prazer⁷. Coagidos pela necessidade, os sujeitos sem-trabalho, quando aceitos no mercado, acatam atividades precárias, preenchidas em posições temporárias e interinas. A ameaça constante do desemprego sujeita o indivíduo à precariedade dos contratos de trabalho, afetando qualquer homem ou mulher exposto a seus efeitos. Para Bourdieu, ao tornar o futuro incerto, a precariedade impede qualquer “antecipação racional e, especialmente, esse mínimo de crença e de esperança no futuro”, necessária “para se revoltar, sobretudo coletivamente, contra o presente, mesmo o mais intolerável” (BOURDIEU, 1998, p. 51). A insegurança objetiva do desemprego funda uma insegurança subjetiva generalizada que afeta os trabalhadores e até aqueles que não estão ou ainda não foram diretamente afetados.

Ainda que o capitalismo, engendrado cultural e materialmente na apologia da liberdade individual, tenha revelado em diferentes etapas de sua história dificuldades que o expõe a riscos, a passagem do “reino da necessidade” para o “reino da liberdade”, pretendida por Marx, continua à espera. Assim, o desejo da redenção social humana mais equânime, construída a partir da estruturação de um modo de produção planejado e decidido coletivamente, aguarda sua afirmação histórica.

O mito da liberdade individual contrapõe-se ao mito coletivista. A história do século XX encena-os em contraste dramaticamente limitando, tanto àqueles que vivem sob a chamada economia de mercado “livre” quanto aos que viveram as economias planificadas dos países do leste europeu. Os dois modelos balizam os sentimentos e as ações dos sujeitos, estimulando imagens representativas da condição do eu. A derrota do modelo soviético

⁷ Marx chama a atenção de que “a partir do instante em que o trabalho começa a ser dividido, cada um tem uma esfera de atividade exclusiva e determinada, que lhe é imposta e da qual ele pode fugir; ele é caçador, pescador, pastor ou crítico, e deverá permanecer assim se não quiser perder seus meios de sobrevivência; ao passo que, na sociedade comunista, em que cada um não tem uma esfera de atividade exclusiva, mas pode se aperfeiçoar no ramo que lhe agrada, a sociedade regulamenta a produção geral, o que cria para mim a possibilidade de hoje fazer uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar na parte da tarde, cuidar do gado ao anoitecer, fazer crítica após as refeições, a meu bel-prazer, sem nunca me tornar caçador, pescador ou crítico” (ENGELS; MARX, 1998, p. 28).

fortalece, provisoriamente, o modelo capitalista de produção que, todavia, após a vitória, expõe situações de fragilidade, relativizando seu projeto social. Para Jameson (1997), os dois modelos societários afetam a imaginação dos sujeitos, engendrando fantasias utópicas conforme as experiências vividas:

Assim é que uma população sofrendo os excessos do individualismo e uma anomia da qual nem sempre se dá conta será suscetível à influência de visões articuladas de solidariedade e vida coletiva. O contrário, no entanto, também se sustenta claramente, de forma que pessoas que se “ajuntaram” por períodos indeterminados, tais como as várias populações da antiga união soviética, devido a toda uma cadeia de situações catastróficas nas quais se encontraram, podem tanto desenvolver um horror da união em situações cotidianas e um almejo à privacidade individual e à vida privada “burguesa”, quanto adquirir categorias e hábitos de experiência coletiva desconhecidos e incompreensíveis para o Ocidente (JAMESON, 1997, p. 110).

Ainda que a teoria se constitua em referencial oportuno, a narrativa de ficção engendra iguais possibilidades de análise, tecendo, através de seu caráter particular, ações humanas regidas na totalidade dos eventos. A representação artística consiste em revelar o homem por inteiro, produto e produtor do espaço histórico. Nessa perspectiva, deve-se tomar o romance português dos anos 2000 como um dos fenômenos básicos da superestrutura, e da forma estruturalmente preparada para a compreensão da atual sociedade.

O romance *O ano de 2012* põe em causa a história política e econômica global e portuguesa, desafiando o leitor a observá-la com ironia e preocupação. O livro narra a reconstrução da história de P. por seu psiquiatra a partir da documentação – notas, fragmentos de textos, diário, contos – deixada pelo paciente. O auge da crise vivida por P. ocorre no verão de 2012 quando a personagem, acometida de grave doença, toma uma atitude surpreendente, designada pelos

jornais do período como a “tragédia do Largo do Rato” que, segundo o psiquiatra, conduz os jornalistas e outras pessoas a buscá-lo para compreender o que se passara. De acordo com o médico que cuidara de P,

O verão de 2012 foi terrível para ele. Aquilo que o atormentava estava, receio bem, muito para além dos meus fracos poderes, dos diálogos que oriento ou acompanho, dos remédios que prescrevo. O meu paciente não conseguiu integrar ou dar conta do sofrimento. Tomei muitas notas daquilo que ele me disse, do que não me disse mas adivinhei, recebi dele fragmentos de um texto, talvez uma espécie de romance, que estava a escrever e nunca terminou, palavras que acredito terem tido relação directa ou indirecta com o seu mal e com aquilo que sucedeu no decorrer do Verão. Vou utilizar aqui os textos que ele me enviou e as notas que tirei das sessões realizadas com ele. A narrativa do meu paciente, que doravante designarei por P., centrou-se frequentemente naquilo a que chamou de coincidências maléficas, que constituíram como que os nódulos da sua crescente depressão e dos episódios obsessivos que a acompanharam (GOMES, 2013, p. 7-8).

Uma dessas coincidências buscadas por P. está na leitura de uma edição recente (2009) de o *Diário de William Beckford em Portugal e Espanha*, quando o próprio William Beckford, em um verão de 1787, tal como P. nos dias de hoje, encontrava-se em Sintra. Ali, junto à mulher e seus cães, P. passa os dias a ler o diário, entre outros afazeres. Desta leitura, onde vislumbra coincidências da vida de Beckford com a sua,⁸ despontam outras com a finalidade de interpretar o mundo e os fatos que determinam a história das sociedades e dos sujeitos à luz de alguma coincidência. Uma destas é a conexão que faz entre as catástrofes climáticas e a política. Para tanto, recorre ao marxismo e ao leninismo a fim de compreender as mudanças no planeta e o atual estágio do capitalismo. Segundo leitura do seu psiquiatra,

⁸ Beckford e P. viveram na Jamaica, aprendendo acerca dos fenômenos culturais daquele país.

tais tentativas derivam de mecanismo de resistência imposto pela depressão.

O quadro psíquico de P. se agrava ao saber, depois de um exame de rotina, que está com uma doença grave, tendo poucos meses de vida. A partir de tal momento, P. dedica-se a escrever, produzindo diversos textos. Simultaneamente, a proximidade da morte lhe traz múltiplas reações. Ora, é dominado por um apaziguamento, mantendo-se em estado de resignação e silêncio. Ora, reage com comicidade e naturalidade, espantando a seus amigos. No íntimo, acredita em um milagre diante da ofensiva da moléstia. No decorrer dos meses, com o avanço do câncer, cai em profunda melancolia, pensando em se suicidar. Porém, uma fúria começa a dominá-lo, culminando em um ato inesperado ao final do romance. O conhecimento do mal lhe serve para o estabelecimento de conexões entre o câncer e os hábitos ocidentais, atribuindo aos conglomerados econômicos uma das causas da sua proliferação. De acordo com os testemunhos de P., segundo o seu médico,

o cancro é uma doença do Ocidente e dos ocidentais espalhados pelas áreas urbanas e industriais de todo o globo. Cresce imparavelmente, apesar de um século de pesquisa médica e farmacêutica, a ponto de muita gente acreditar que o cancro é produto da simbiose entre a medicina oficial e aquilo a que a esquerda norte-americana chama de Big Pharma, quer dizer, as empresas farmacêuticas que estão ligadas aos grandes conglomerados financeiros e são proprietárias efectivas das escolas de medicina, das revistas médicas, da informação clínica, das crenças da maior parte dos médicos, da alma de alguns, do bolso de muitos, e é de bolsos que se fala, grandes, fundos, abissais, os bolsos onde se depositam os gigantescos lucros da pesquisa relativa ao cancro e dos medicamentos produzidos por essa pesquisa (GOMES, 2013, p. 32).

Na sequência dos argumentos, P. atribui aos alimentos industrializados o aumento da doença, embora

a produção em massa de tais produtos tenha acabado com a fome em alguns lugares. “A abundância proporciona uma extraordinária alienação alimentar”, afirma o paciente, levando os “humanos a comer essencialmente aquilo de que não precisam e até aquilo que lhe faz mal” (GOMES, 2013, p. 33), implicando o sacrifício de vidas de animais e vegetais. Em uma das sessões, P. confessa ao seu médico que nunca esqueceu o dia em que desembarcara em um aeroporto europeu, depois de ter vivido um ano na Jamaica:

Dezenas e dezenas de metros de prateleiras e montras cheias de porcaria colorida, brinquedos, roupas, doces, livros e revistas, tudo a brilhar debaixo de luz elétrica intensa e direcionada, tudo a gritar: compra-me! compra-me!, cada objeto envolto em dois ou três embrulhos, as sandes servidas dentro de uma embalagem de plástico, colocada por sua vez em cima de um tabuleiro com talheres de plástico, uma toalha e um guardanapo de papel, a gravata envolvida em papel de celofane e colocada dentro de duas caixas, o carrinho de brincar dentro de uma embalagem de plástico. Olhou em volta e ficou chocado com os rostos deslumbrados dos companheiros de viagem, ah, a civilização, o progresso, as compras! (GOMES, 2013, p. 33-34).

Adiante, novos motivos são atribuídos ao aumento da doença. À medida que P. argumentava, seu médico escutava e extraía conclusões que, não desconsiderando as opiniões do paciente, observava nelas uma luta incansável para combater a morte iminente.

Em meio aos textos de P., o psiquiatra depara-se com um diário. Nele, P. registra, entre outros assuntos, a crise que se abate sobre Portugal, analisando a atual condição econômica do país.

Em todas as sarjetas deste sul de pobres, há sacos de plásticos, pedaços de papel de jornal amarelado, garrafas partidas, lixo espalhado em frente as montras rachadas onde empalidecem de sujidade os letreiros da *troika*⁹ e dos filhos da

⁹ *Troika* é a designação atribuída à equipe composta pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia. A palavra é de origem russa. Na política, ela designa uma aliança de três figuras de um mesmo nível e poder que, através de uma entidade,

puta que a *troika* serve, “vende-se”, “aluga-se”, “Trespasa-se”. No parque, que começou a ser feito quando havia dinheiro e agora de desfaz como uma ruína, os baloiços partidos e com tinta a pelar, a ferrugem nas guardas de ferro que ninguém limpa ou pinta, a pista de ciclismo a cheirar a mijo, os arbustos ornamentais decorados com lixo como se fossem árvores de Natal de uma consoada de gente sem abrigo, nesse parque e no caminho para se lá chegar, as ruas de alcatrão estão esburacadas (GOMES, 2013, p. 89).

Igualmente, a personagem P. não se abstém de fazer uma análise do período histórico, recorrendo às leituras de intérpretes do capitalismo para compreensão do tempo presente. Uma dessas interpretações é extraída da leitura do livro *O imperialismo: fase superior do capitalismo*, de Lenin¹⁰. P. faz o seguinte comentário:

Em 2012, mais ainda que nos terríveis anos anteriores de 2008, alastravam de maneira imparável os efeitos financeiros e sociais da chegada à maturidade daquilo que designava como o “imperialismo enquanto estado supremo do capitalismo”, uma citação do título de uma pequena obra de Lenine escrita em 1916, de que usava e abusava com o propósito maior de remar contra a corrente e irritar os bem-pensantes (GOMES, 2013, p. 22).

E P. prossegue recorrendo ao revolucionário russo com a finalidade de ir contra-a-corrente e irritar aqueles que defendiam o chamado estado mínimo:

Segundo Lenine, aquilo que caracteriza o capitalismo antigo é a exportação de mercadorias,

o que caracteriza o capitalismo dos monopólios, ou dos conglomerados financeiros e industriais, é a exportação de capitais, que na altura, em 1916, estava apenas no início e hoje culmina num mundo de agentes financeiros escondidos, sem localização geográfica, sem fidelidades nacionais, sem rosto, sem controlo, num mundo de obsolescência definitiva dos estados transformados em simples agências de outras agências (GOMES, 2013, p. 22).

Nos textos de P., é recorrente a crítica às economias nacionais europeias e às profilaxias ortodoxas formuladas pelas agências financeiras, adotadas pelos estados para minimizar a crise¹¹. Soluções que infectam o ânimo das pessoas, abatendo-as, deprimindo-as em profundidade, aumentando o desemprego e a violência:

No verão de 2012, o desemprego, as falências, a miséria, varriam a Europa como as tempestades que agitavam o sol e queimavam a terra. O mundo afundava-se em impotência e tristeza, perceptíveis no andar curvado e bamboleante das pessoas nas ruas, nas súbitas irrupções de fúria sem causa próxima que as justificasse, na indolência e desânimo que fazia pender os olhos para o chão (GOMES, 2013, p. 22).

Na crença de P., clima e política se conectam, sendo uma das causas da guerra que está em curso, “a gigantesca desregulação do *status quo* económico e social que fora implantado no Ocidente depois da Segunda Guerra Mundial” (GOMES, 2013, p. 21)¹². Dessa maneira, “tantos os mercados como o clima

se reúnem para completar uma missão. Tal questão torna-se chave para o desenlace do romance.

¹⁰ De acordo com François Chesnais, tal obra de Lenin foi e continua sendo, “o mais lido estudo marxista sobre questões relativas à caracterização da fase do capitalismo que se abriu por volta de 1900, bem como sobre a internacionalização nessa época” (CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996, p. 49).

¹¹ .As viagens globais dos recursos financeiros são talvez tão imateriais quanto a rede eletrônica que percorrem, mas os vestígios locais de sua jornada são dolorosamente palpáveis e reais: o despovoamento qualitativo, a destruição das economias locais outrora capazes de sustentar seus habitantes, a exclusão de milhões de pessoas impossíveis de serem absorvidas pela nova economia global (BAUMAN, 1999, p. 83).

¹² O padrão dominante pode ser descrito como afrouxamento dos freios: desregulamentação, liberalização, flexibilidade, fluidez crescente e facilitação das transações nos mercados financeiros, imobiliário e trabalhista, alívio da carga tributária (BAUMAN, 1999, p. 76). A globalização deu mais oportunidades aos extremamente ricos de ganhar dinheiro mais rápido. Esses indivíduos utilizam a mais recente tecnologia para movimentar largas somas de dinheiro mundo afora com extrema rapidez e especular com eficiência cada vez maior (BAUMAN, 1999, p. 77).

são forças gigantescas incontrolláveis pelos humanos, espectros que assombam o mundo”, em que “o grande capital imperialista funciona longe de nós, longe das ruas, longe da comunicação social” (GOMES, 2013, p. 23). De acordo com P.:

Toda a gente fala do clima desde os anos de 1990 porque a ideologia dominante interdita que se fale diretamente dos mercados, lançando sobre os olhos das multidões um manto de ignorância e fantasia que só os lunáticos, os desesperados e os revolucionários, designados agora como anarquistas, parecem ser capazes de rasgar (GOMES, 2013, p. 23).

Tais diagnósticos são vistos pelo psiquiatra de P. como resultado de um comportamento psíquico perturbado. Para o médico, o câncer e o consequente crescimento da depressão conduzem o seu paciente a realizar interpretações distorcidas da realidade. Porém, tais equívocos dizem mais a respeito da realidade do que se imagina quando nos deparamos com uma série de textos produzidos por P. em que ele se debruça com ceticismo e ironia acerca da realidade portuguesa, europeia e mundial, como se apontou nas reflexões anteriores.

Ao final do romance, uma notícia de jornal é transcrita pelo médico. Nela, escreve-se que P., tomado por um ato de fúria, empunhando uma arma, assassina o “representante do Banco Central Europeu, Hermann Sachs, e um dos seus seguranças”, ferindo, igualmente, “o representante do FMI, Adolfo Goldman”, atingindo, ainda, um “agente da PSP e quatro jornalistas, antes de ser abatido por outro segurança” (GOMES, 2013, p. 140). Conforme o jornal, P. agira sozinho. De acordo com os testemunhos de alguns comerciantes do Largo do Rato, “o autor do massacre começou a aparecer ali quatro dias antes da chegada da *troika* a Portugal” (GOMES, 2013, p. 141). A notícia anunciava que P.

transportava consigo uma máquina fotográfica com uma teleobjetiva que guardava dentro de um grande saco de lona. Aproximava-se de pessoas que trabalham no Largo – lojistas,

empregados de café, funcionários da Carris – e pedia-lhes que o autorizassem a fotografá-los com pormenores do Largo ao fundo. O pretexto era o de que preparava um livro de fotografias sobre as pessoas que ali trabalhavam. Uma testemunha refere que ele lhe falou do título que tinha escolhido para o livro: Um homem não é um Rato (GOMES, 2013, p. 141).

Adiante, em entrevista ao jornal, a esposa de P. disse que procurara o marido por toda a parte e, ao fim de 24 horas, sentindo-se deprimida, participa o seu desaparecimento à GNR, comunicando, convicta, de que o marido havia se suicidado. Segundo a esposa, agravada a depressão em vista do câncer, P. lhe afirmara que “não esperaria pela morte, antes iria ao encontro desta” (GOMES, 2013, p. 142).

Ainda de acordo com a notícia divulgada, houve testemunhas que o viram tirar fotografias utilizando um tripé, que depois foi deixar no hotel, situado no Campo de Ourique, onde P. havia alugado um quarto, como foi confirmado pelo gerente. Assim, quando voltou ao Largo do Rato, P. trazia a *shotgun* (a arma utilizada no massacre) e não o tripé no saco de onde a polícia retirou a seguinte mensagem: “Morte ao capitalismo! Morte ao invasor! Morte aos traidores! Viva Portugal!” (GOMES, 2013, p. 143).

A reportagem, conhecida como a “tragédia do Largo do Rato”, encerra com a descrição do massacre executado pelo paciente do médico. Depois de abater os dois membros da *troika*, Herman Sachs e Adolfo Goldman, e a atirar de forma indiscriminada sobre uma pequena multidão, é provável, segundo o relato jornalístico, que P. “procurasse acertar em Joseph Friedman, o representante da *União Europeia na troika*” (GOMES, 2013, p. 145). Porém, tal enviado já se encontrava deitado no chão, protegido pelo segurança. Assim, de pistola em punho, esse segurança que sobrevivera ao ataque de P., faz diversos disparos, matando o paciente “com balas de 9 mm alojadas no peito, no pescoço e na cabeça” (GOMES, 2013, p. 145).

O romance *O verão de 2012*, escrito por Paulo Varela Gomes, traduz, de maneira explícita, os efeitos da globalização, marcada pela presença do capital financeiro a sufocar os Estado-Nação e seus indivíduos.

Enxergando seu País e a si com desencanto melancólico, anunciando um mundo degradado e um futuro pouco promissor, P. toma uma decisão que desafia as representações da identidade nacional portuguesa, entrevista como melancolia feliz e presa a um passado glorioso e próspero. No entanto, é como catástrofe e barbárie que tal romance retrata o ambiente atual, exigindo, com urgência, mudança da paisagem social conduzida pelos estados nacionais e suas práticas neoliberais. Assim, em um gesto radical, a personagem do romance elimina aqueles que representam o poder financeiro mundial, em uma alegoria de que o mundo somente recuperará uma vida sustentável e igualitária se o fundamentalismo econômico promovido pela capital financeiro for derrotado.

Recebido em: 29/6/2018.

Aprovado em: 14/5/2019.

José Luís Giovanoni Fornos

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4257-4892>

E-mail: jljf@vetorial.net

Endereço de correspondência: Rua Buarque de Macedo, 333, apt 305. Bairro Cidade Nova. CEP 96211233. Rio Grande, RS.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. <https://doi.org/10.15600/2238-121x/comunicacoes.v14n2p101-103>

CHESNAIS, F. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

ENGELS, F; MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ENGELS, F; MARX, K. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 1998.

GOMES, Paulo Varela. *O Verão de 2012*. Lisboa: Tinta da China, 2013.

GUATTARI, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.

JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro*. Petrópolis; RJ: Vozes, 2001.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kulgelmann*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROUDINESCO, Elizabeth. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.